



O HOMEM SOL

Bestseller do *Sunday Times*

EMMA STONEX

«Stonex dedicou-se a mexer na consciência social dos leitores, enquanto os faz tremer de expectativa... um thriller surpreendente, tão brilhante quanto perturbador.»

The Observer

**TOP
SEL
LER**

*Para o CERO e o EKRO,
com amor*

*Porque é que esta luz me obriga a voltar
à minha infância? Usava um vestido
amarelo de verão, e a saia
descrevia um círculo perfeito.*

Jane Kenyon, «Evening Sun»

Deve ser maravilhoso ser livre.

Brendan Behan, *Borstal Boy*

1

A semana em que disparei em cheio contra a cabeça de um homem começou como qualquer outra. Acordei à hora normal, 6h15, e estava escuro lá fora. Ouvi o som do aquecimento a ligar, uma pequena gargalhada estridente nos canos. O Tom ainda estava a dormir, com o ombro nu pálido ao luar; encostei o nariz ao pescoço dele para verificar se cheirava ao mesmo, e sim, cheirava a madeira levemente queimada e ao interior da lata de biscoitos.

Vesti-me no escuro e fui para o piso de baixo. Estava um silêncio pouco natural. Abri as cortinas e vi que nevara durante a noite, inesperadamente — não fora previsto no boletim meteorológico. A neve estava amontoada vários centímetros no banco do jardim e rodeava o bebedouro dos pássaros como um bolo de casamento. Nunca nevava na nossa aldeia do Wiltshire. Todas as outras partes do país tinham neve, mas nós nunca; os trenós das crianças estavam pendurados no barracão, por usar, como morcegos. Liguei o rádio. Era um DJ de que não gostava, a substituir outra pessoa, passando canções melosas de musicais da Broadway. Fiz um chá. O leite tinha ultrapassado a data de validade — despejei-o no lava-loiças e depois barrei duas torradas com manteiga e sentei-me à mesa, de chinelos. As torradas tinham a consistência de cartão — ouvi o meu maxilar estalar enquanto mastigava.

As canções do programa pararam e começou o noticiário. O rescaldo de desastres aéreos, a diminuição do desemprego. O telefone tocou. Estendi a mão para ele.

— É hoje — disse ela. — Peço desculpa pela pouca antecedência, os planos mudaram. — Seria ao meio-dia, supunha ela, normalmente estas coisas aconteciam antes do almoço.

Pensei que devia haver uma reação do ambiente que me rodeava. O fogão incendiar-se, uma cadeira cair. Mas nada mudou. O chá tinha uma película oleosa por cima, que estremeceu quando um camião de gravilha passou. Aqui estava. Ele ia ser libertado.



O Tom desceu envergando uma camisa engomada e lembrei-me de que ia ter uma reunião importante. Ia passar a noite fora, em Bath.

— Quem era? — perguntou. Disse-lhe que era engano. — Esta-vas a falar com eles — acrescentou.

— Sim. Estava a dizer-lhes que era engano.

Ele espreitou para dentro da caixa do pão.

— E a neve? É uma surpresa.

— Eu sei.

Deu-me um beijo.

— Os miúdos vão ficar contentíssimos.

Virei-me para o lava-loiças, para lavar um copo que já estava lavado. Pensei que, noutra vida normal, estaria a envolver os nossos filhos em camisolas e luvas, a desprender os trenós, a acender a lareira para estar bom e quente quando chegássemos a casa.

— As escolas estão abertas? — perguntou o Tom, pondo café numa caneca do clube de futebol Chippenham.

— É bom que estejam — respondi. — Tenho coisas para fazer hoje.

— Tipo o quê?

Fechei a torneira.

— Um recado.

— Ah. Não digas mais nada. — O tom do meu marido mudou de preocupação para conspiração e percebi que pensava que tinha que ver com o seu aniversário, no mês seguinte. Essa ideia estava

tão distante das minhas intenções que quase me parecia a pior mentira de todas.

— Pensei em pedir à tua mãe, se a escola estiver fechada — disse-lhe.

— Boa ideia. — Encheu uma panela com água a ferver e colocou um ovo no interior, com consideração, como alguém que libertasse um peixe. — Queres um? — Levantou os olhos. — Bridget?

— Não tenho fome.

O Tom viu a torrada meio comida.

— Estás bem? Pareces estar a milhões de quilómetros daqui.

— Estou ótima. — Abri o frigorífico. — Toma. Fiz-te umas sanduíches.

— És uma maravilha — disse-me, pegando nelas. — É melhor ir ver se os comboios estão a funcionar.

— Estão. Acabaram de falar sobre os transportes.

— Bem, graças a Deus por isso. Tinha de escolher o dia de hoje, não é? O tempo.

A minha mão tremeu quando fechei a porta.

— O que queres dizer?

— O Greg e a sua maldita apresentação — disse o Tom, sem reparar. — Vai ser um inferno se voltar a ser adiada, nunca mais se vai calar. — Raspou uma nódoa no nó da gravata. A parte de cima da cabeça dele já estava quase totalmente grisalha. Éramos crescidos. Eu não tinha crescido.

— Vou ligar para a escola — disse-lhe, quando o temporizador do ovo apitou.

O número da escola estava impedido. Na segunda tentativa, a secretaria atendeu e disseram-me que estavam abertos, como sempre. Senti alívio. A hora seguinte dividiu-se em períodos de vinte minutos. Vinte minutos para dar o pequeno-almoço às crianças. Vinte minutos para as pôr em frente do televisor enquanto fazia uma mala que esperara dezoito anos para ser feita, combinava com a Wilma para as ir buscar, preparava as mochilas delas e o dinheiro para o almoço da Philippa. Vinte minutos para as levar lá de carro. Quando pensara neste dia no

passado, imaginara que estaria em pânico. Agora que chegara, sentia-me bastante calma.

Subi ao andar de cima e encontrei a Philippa a debater-se com os colãs por baixo dos cobertores.

— Tenho frio! — queixou-se, quando lhe disse que devia levantar-se, que seria mais fácil.

— Nevou — disse-lhe, abrindo as cortinas. — Olha.

O rosto dela iluminou-se.

— Vamos ter o dia livre?

— Lamento.

A Philippa saiu da cama e dirigiu-se para a janela, com os colãs enrodilhados em volta dos tornozelos, a parte de trás do cabelo como um ninho de algodão-doce. Amava-a tanto.

— É como Nárnia — disse ela. — Podemos ir lá para fora?

Pensei em uniformes molhados, em secadores de cabelo.

— Mais tarde. A avó vai buscar-vos.

Virou-se para mim.

— Porquê?

— O pai vai passar a noite fora. E eu tenho de ir visitar uma amiga.

— Que amiga? — A Philippa era uma criança que se mostrava desconfiada até ser tranquilizada.

— Uma velha amiga da escola — respondi.

— Quão velha?

— Tão velha quanto eu.

— Tu não és velha.

Ajudei-a a vestir a camisola interior, atrevendo-me a dar-lhe um beijo no ombro.

— Sou mais velha do que tu.

— Como é que ela se chama?

— Peggy. — Era uma personagem de um livro que estava a ler.

— Onde vive?

Corri o fecho do vestido e encostei a testa à dela. Ao perto, os olhos dela tinham salpicos dourados. Sempre quisera ter uns olhos assim. Nada parecidos com os meus.

— Tantas perguntas — retorqui.

— Estás sempre a dizer-me para fazer perguntas.

— Está no hospital — disse, dobrando a camisa de noite dela.

— Está a morrer?

— Talvez.

O gato entrou sorrateiramente. A Philippa virou a atenção para ele, enquanto eu punha a camisa de noite debaixo da almofada e lhe dava umas palmadinhas ligeiras. O Joe não seria tão difícil, sabia-o. Ainda estava a dormir no quarto ao lado, com as bochechas coradas, as pestanas como uma linha de vírgulas. Era pesado e afetuoso, atraído para o nosso abraço matinal, com os braços em volta do meu pescoço, um coelhinho transpirado encostado ao calor entre nós. Olhei para o relógio de parede.

— Vamos, meu amor, vamos vestir-te. — Despi-lhe o pijama do *Danger Mouse*; a camisa tinha uma mancha de *Marmite* na manga, que me preocupou desproporcionalmente — que o Tom não reparasse ou não soubesse depois que devia pô-la na máquina de lavar, e quantos dias, conseqüentemente, ali ficaria, o mesmo número de dias que eu demorasse a regressar.

O Joe seguiu-me para o andar de baixo, gritando de contentamento quando viu a neve. Abriu a porta das traseiras da cozinha e pôs o seu *Rabba* na corrente de ar, para lhe mostrar quão frio estava:

— Vês? É como no Polo Norte. — Agora, o gato tinha-se mudado para o jardim, empoleirado desdenhosamente numa tábua da cerca cheia de neve, olhando para mim com aguçados olhos verdes. Eu e o gato nunca nos déramos bem. Algures, um cão ladrou. O gato desapareceu de vista.

— Posso comer *Coco Pops*? — perguntou a Philippa, balouçando as pernas na mesa, começando a pintar qualquer coisa. Pensei que, depois, não teria tempo para arrumar a mesa.

— Podes — disse o Tom. — Mas *deves*?

— Devo?

— Não — disse ele. — Vão apodrecer-te os dentes. De qualquer maneira, não há leite. — Virou-se para mim, abotoando o casaco. — Podes comprar mais tarde?

Anuí.

— Claro.

— Manteiga de amendoim! — exclamou o Joe, trepando para cima da almofada e deitando as mãos ao boião. Ouvei o *jingle* do noticiário a recomeçar. Baixei o som do rádio.

— Espera... Quero ouvir isso — disse o Tom.

— Porquê?

— As manchetes.

Aumentou o volume. Várias notícias passaram, mas não havia nada sobre ele. Não devia ter pensado que haveria. Ele era o Sol à volta do qual todos os meus planetas giravam, mas, para qualquer outra pessoa, não passava de um nome eclipsado pelo tempo e por outras tragédias.

A torrada saltou, surpreendendo-nos. O Tom tirou a pasta de cima da bancada.

— Até amanhã — disse, abraçando-me e abraçando depois os miúdos.

— Esqueceste-te disto — disse-lhe, dando-lhe as sanduíches. Estava desejosa de o pôr a andar antes que a Philippa dissesse alguma coisa sobre a Peggy. — Adeus. — Fiz uma pausa. — Boa sorte para hoje.

— Para ti também — disse ele, sorrindo para mim. — Seja qual for a tua missão secreta.



Enquanto os miúdos estavam a escovar os dentes, escrevi um recado para o meu marido. Embora tivesse pensado em todos os outros pormenores, nunca decidira o que lhe iria dizer. Escrevi:

Vou passar uns dias fora. Espero que compreendas.

O que era pedir muito, mas era melhor ser breve.

— Estamos prontos — disse a Philippa, deixando-se ficar à porta. Tinha prendido o cabelo numa trança dupla. Dobrei o recado e escondi-o atrás das costas. — Achas que a Lucy vai estar na escola?

— Talvez — respondi.

— Não vou ter ninguém para ser meu par em Educação Física. Detesto Educação Física.

— Faltam dez minutos, meu amor — disse-lhe. — Vê um vídeo.

— Não quero. — Aquela desconfiança outra vez.

— Tenho de preparar as vossas coisas para a avó.

A Philippa torceu a ponta da trança, olhando para mim antes de ir para baixo.

Tirei a mala da Vó de dentro do guarda-roupa. Não era minha intenção levá-la, mas, agora que ia acontecer, parecia-me certo. Talvez o que ela tivesse querido. Tantas vezes na vida tentei igualar os princípios da minha avó, mas, nisto, não tinha nenhum: era maior, mais sério do que qualquer um de nós. A mala era de cabedal castanho com fivelas de metal manchadas. O cabedal estava ligeiramente rachado, como a cobertura dos bolos que ela costumava fazer aos domingos, depois da missa. A melhor parte da missa era pensar nesses bolos, enquanto o pároco falava sobre abstinência e Jesus olhava para mim do alto da cruz, com olhos tristes e chagas nos pés, e eu não ouvia uma palavra do que ele dizia.

Não sabia de quantas mudas de roupa iria precisar. Dobrei algumas peças e muitas cuecas, dado que me pareciam as coisas mais importantes. Depois, abri a gaveta da cómoda e rebusquei por cima, para o fundo, até a sentir. Dissera ao Tom que a caixa tinha a música da minha irmã e algumas das longas cartas alegres que ela me escrevera da escola, coisa que, naturalmente, ele aceitara, e também aceitara que eu nunca iria querer abri-la e tirar-lhe o conteúdo. Pousei a caixa, à espera de uma revelação, mas não tive nenhuma. A tampa brilhava. Vi nela o meu reflexo, tão nítido como se o estivesse a ver num lago imóvel. Tinha as palmas das mãos secas. O meu coração batia regularmente, como o motor fiel de um automóvel.

Estiquei a mão para a caixinha do meu anel de noivado. A pequena chave prateada estava cosida na almofada. Quando fiz isso, tive consciência de uma ironia inquietante, difícil de

identificar, e agora estava satisfeita por tirá-la: puxei o fio e pus a chave na fechadura, que se abriu suavemente, em concordância. Levantei a tampa. Um cheiro subiu para mim, profundo e a carvalho.

A pistola era uma *Beretta Cheetah*. Haviam-me dito o modelo, mas não me interessava. Mataria um homem? Sim. Era suficientemente compacta para ocultar? Sim. Não senti necessidade de lhe pegar numa demonstração de reencontro, partilha ou confiança. Esperara por mim durante uma década, pacientemente.

Escondi a arma na mala da Vó, com um par de luvas descartáveis, e corri o fecho. O sítio óbvio onde deixar o recado para o Tom era a estante — vê-lo-ia imediatamente quando chegasse a casa —, encostado às lombadas de alguns livros da Dorothy L. Sayers. Depois, achei que podia parecer pouco natural e mudei-o para a mesa de cabeceira dele. Peguei na mala e saí do quarto.



A neve estava amontoada de ambos os lados da estrada. O sal transformara o asfalto em lama vermelha. A porta do carro estava congelada, mas cedeu com um puxão forte, com a neve a deslizar da janela do condutor como uma persiana corrida. Procurei um raspador no porta-luvas, encontrando-o atrás de um saco de rebuçados de mentol colados uns aos outros e de uma cassete dos Joy Division. Demorei muito a limpar o para-brisas. Fiz isso metodicamente, de cima para baixo e da esquerda para a direita, com o aquecimento no máximo. A Philippa estava sentada à frente, a raspar verniz prateado das unhas. O Joe deixou cair o almoço embalado no chão do carro e chorou. Por fim, partimos.

Não havia muitos pais junto ao portão da escola. A Philippa viu uma amiga e quis sair imediatamente. Os meus dedos roçaram na manga do casaco dela quando saiu descuidadamente do carro — era como tentar apanhar um lenço que voava do convés de um ferry.

— Adeus, então — disse eu.

— Adeus, mãe. Até logo.

— Até logo.

Vi-a dar o braço à amiga. Derraparam, rindo-se, no chão, fingindo patinar. Pensei em ir atrás dela, mas não haveria motivo.

Eu e o Joe avançámos lentamente para a sala de aulas dele, onde uma professora que não reconheci nos recebeu: a habitual não conseguia fazer pegar o carro. Dei o saco do almoço ao Joe.

— A minha sogra virá buscá-lo esta tarde — disse à professora. — Avisarei a secretaria quando sair.

— Que sorte que tu tens! — exclamou ela para o Joe, como se eu não tivesse falado. — A avó vem buscar-te? Que bom. Vais divertir-te imenso com a avó. — Claramente, nunca vira a Wilma.

O Joe estava agarrado aos meus joelhos.

— Vamos — disse-lhe a mulher. — Já temos as tintas preparadas.

Agachei-me para abraçar o Joe. O cabelo dele cheirava a amêndoas e toalhas lavadas. Inspirei-o, cada pedacinho dele, o peso carinhoso dele nos meus braços, a sua bochecha suave contra a minha, o sulco da nuca onde a etiqueta com o nome Cash espregueitava da gola.

— Tem um bom dia — murmurei.

Senti-me melhor quando voltei para o carro. A neve tornou necessário pensar em pouco mais do que em fazer o percurso. Entrei na estrada principal, tentando não ver a cadeirinha vazia do Joe pelo retrovisor e o dinossauro roxo do tamanho de um polegar que ele encontrara numa caixa de cereais e trouxera para a viagem. Os meus pneus rodavam molhados. A paisagem parecia fria e assustadora. Conhecia estes campos há muito tempo, mas, agora, o gelo tornava-os desconhecidos, deslavados, impossíveis de distinguir uns dos outros, faltando-lhes quaisquer notas de escala detetáveis. Palhas escuras perfuravam as bermas, casca molhada e os caules de vegetação podre. Uma sombra atravessou a estrada à minha frente, pequena e rápida, colada ao chão, tão rápida, na verdade, que podia ter sido uma ondulação de tinta ou de luz, ou o início de uma enxaqueca.

A casa da Wilma ficava no fundo de um beco. Quando toquei a campainha, ouvi uma versão reduzida da Abertura de *Guilherme Tell* a tocar no corredor perfumado com ambientador.

— Isto é muito em cima da hora — disse ela quando veio à porta, verificando se os vizinhos nos estavam a observar. — Tens sorte por eu estar livre.

— Eu sei. Obrigada. O Tom vem buscá-los amanhã.

— E tu, quando voltas?

Entreguei-lhe a mala dos miúdos, em que pegou e afastou as pernas, espreitando para o interior como se estivesse à espera de um presente.

— Não tenho a certeza — respondi.

— Certo. Enfim.

— É provável que a Philippa tenha trabalhos de casa — disse. — Se forem de Matemática, vai precisar de ajuda.

— Está bem. — Suspirou. — Mas não quero lutas com bolas de neve. Não quero que a espalhem pela casa fora. Acabei de mandar limpar as carpetes. — Afastou-se para me deixar ver.

— Estão muito bem — disse eu.

— Estás a chocar alguma coisa, Bridget? Pareces terrivelmente pálida.

— É só uma dor de cabeça — respondi. — Não é muito má.

— Devias ir ver isso. Quem sabe o que pode estar a passar-se? O sobrinho da Jill teve um tumor cerebral, ficou totalmente cego de um dos olhos. Agora usa uma venda.

— Bem, sabes como é. A vida atrapalha-nos.

— Até deixar de o fazer.

Olhou para o relógio. Eu olhei para o meu.

— Obrigada, mais uma vez. — Voltei para o carro e liguei a ignição. Ela esperou à porta até eu arrancar e virar para fora de vista. Fiz um aceno de mão para o carteiro que estava a sair da carrinha, o que me pareceu uma coisa estranha para fazer, muito distante de onde eu estava em pensamentos, mas pensei que podia ser a última vez que fazia qualquer coisa comum. Além disso, conhecia-o. Certa vez, a Wilma tentara que o retirassem

desta ronda, alegando que ele roubara dinheiro, o envelope estava rasgado e as dez libras da amiga, para um almoço no restaurante, haviam desaparecido do interior. A Wilma não confiava nas pessoas. Não confiava em mim, coisa que imagino que fazia dela uma pessoa perspicaz. Pelo menos, mostrara-se franca em relação a isso desde o início. Não tentara disfarçar a insatisfação quando eu e o Tom havíamos anunciado o nosso noivado. Da primeira vez que trouxéramos a Philippa a visitá-la, não recebera a menina à maneira de uma avó, limitara-se a olhar para mim com dureza por cima da borda da chávena de chá do Jubileu de Prata. Pensava que o Tom estaria melhor com outra pessoa. Alguém mais fácil, menos problemático, que não arrastasse aquela bagagem atrás de si. Alguém que fosse mais mulher, porque certamente na mente dela — e frequentemente na minha — estas coisas estavam relacionadas.

Ainda assim, a Wilma esforçava-se muito com os miúdos, que era o máximo que eu podia pedir, e o Tom tinha-me dito para não esperar demasiado. Não creio que ela gostasse muito da Philippa. Talvez tivesse que ver com raparigas e mulheres e ter um filho seu (disse-me, certa vez: «Uma filha é uma filha para sempre, Bridget; um filho é um filho até encontrar uma mulher»), mas gostava do Joe. Achava mais fácil amá-lo porque o conhecia desde bebé. *Os bebés, pensei quando cheguei à estação rodoviária, eram tão fáceis de amar.*

Limpei os olhos e tirei o cinto de segurança. A neve parou. Pessoas amontoadas à entrada, a verificar bilhetes e a fumar cigarros, enroladas em cachecóis e casacos.

Uma irmã é uma irmã para sempre.

Abri a porta do carro. Era demasiado tarde para voltar para trás. Peguei na mala e entrei.

2

Nasci no chão da casa de banho de uma casa geminada em Devon, em julho de 1948. A minha mãe não sabia que estava grávida, ou sabia e fingira que não ia acontecer até ter acontecido. Agarrou-se à borda da banheira e gritou uma vez e apenas uma vez, durante tanto tempo e tão alto que o grito parou as crianças que estavam a brincar na rua e um carro que ia a passar com a janela aberta, apesar de as sirenes antiaéreas estarem de volta. Nasci prematura, demasiado pequena («magra como um pente», dissera a Vó), e houve uma estadia no hospital, dentro de uma incubadora e alimentada com uma seringa. É impossível lembrar-me disso, mas lembro-me. Um teto estucado como requeijão. Mãos de enfermeiras, ásperas e capazes, as tetinas de borracha de velhos biberões. Coelhoinhos brancos a balouçar num móbil por cima do berço, caudas azuis, caudas cor-de-rosa, cartão a descrever círculos ao sol.

Desde o início que a minha mãe não esteve presente. Era uma adolescente e meteu-se em sarilhos. O pai não estava interessado. Penso que talvez fosse casado, embora não tenha provas disso. O *meu* pai, devia dizer, mas quem é ele para mim senão um desconhecido e, além disso, já não me interessa — é irrelevante para mim. Ela entregou-me à Vó, disse que não aguentava a responsabilidade, e a Vó disse está bem, seis meses e depois voltas para ela, Mary, pode ser? Meteste-te nisto, também consegues sair disto. E a Mary disse sim, mas depois fugiu para Westward Ho!

e nunca mais voltou, a não ser como uma parente que vinha de visita, como o tio-avô Clarence ou a prima Norma, algumas vezes só porque sim, com presentes e palmadinhas na cabeça, e joelhos ossudos em colãs onde me obrigavam a sentar agarrada ao meu *garibaldi*¹, a que a Vó chamava sempre bolacha de moscas esmagadas. Há uma fotografia minha sentada ao colo da Mary quando tinha 3 anos; ela usa um vestido estampado como um campo com milhares de flores, aberto no pescoço, e um fio de ouro que eu enrolei em volta do pulso. Guardei essa fotografia e olhei para ela durante toda a minha infância, procurando na expressão dela pistas para o porquê de não me querer, mas nunca encontrei nenhuma.

A Vó acreditava em Deus. Os pais dela tinham morrido quando ela era pequena e mandaram-na viver com tias solteironas em Londres, que haviam estado no céu e no inferno e no além, e que faziam sessões espíritas para invocar os mortos. Certa vez, invocaram o pai da Vó, o Benjamin, que fora mineiro nas minas de carvão. Apareceu-lhes com o rosto coberto de fuligem e olhos carinhosos, e queixou-se de quão ventoso era ser apanhado à entrada do túnel, mas elas nunca apuraram se isso se referia ao corredor da mina ou a um canal no além. A Vó dizia que agora reprovava o misticismo, mas que o fervor das tias lhe mostrara a importância de acreditar em *algo*. Não dava crédito ao espiritualismo, mas testemunhar a fé delas incutiu-lhe um sentido de assombro, de abertura ao que quer que o mundo tivesse para revelar, pois era ignorante imaginar que não havia nada mais a desvendar do que o aqui e o agora.

A Vó levava-me à missa todos os domingos. Vestíamos-nos o melhor que conseguíamos. A Vó tinha orgulho no pouco que tínhamos, remendando e lavando incessantemente, portanto, mesmo que eu usasse a mesma roupa todos os dias, era como se estivesse a usá-la nova. As mães da rua davam-nos roupa e algumas eram de rapaz, mas a Vó disse-me que a cavalo dado não se olha o dente, portanto lá íamos, eu de calções compridos e sapatos castanhos, com o cabelo enfiado debaixo de uma suave boina

¹ Biscoito seco com uma camada de corintos prensados. [N. T]

de feltro porque, se estávamos perdidas por cem, bem podíamos estar perdidas por mil. A congregação falava com a Vó à porta da igreja, com os seus murmúrios a voar como biplanos muito por cima da minha cabeça. Sabia que estavam a falar da Mary. Todas as crianças precisam da mãe, diziam. Era uma vergonha, era uma pena, uma coisa pequena deixada para trás daquela maneira, sem cerimónia, como um saco de açúcar, e eu adivinhava que a coisa de que estavam a falar era eu. Depois voltavam para as suas casas para falar ainda mais disso, que coisa terrível era, que escândalo, de quem era a culpa? Era daquele velhaco do Ronan O'Brien, que sempre fora sinónimo de sarilhos; ou do Sam do talho ou do Reg dos correios; ou daquele filho do Robert Ackland, que nunca mais fora o mesmo depois da guerra? A Mary devia ter fugido para casar e voltaria depois para me vir buscar, certamente que voltaria, mas o tempo estava a passar e a Violet, que tanto sofrera — a minha querida Vó, que me acolhera e cuidara de mim e me fizera sentir segura e amada —, estava demasiado velha para isto, merecia uma medalha, merecia mesmo, aquela pobre mulher. Eu pensava que parecia um peso que lhe tinham deixado, mas quando lhe perguntei se era, a Vó disse: «És um presente, meu passarinho, e não te trocava por nada.»

A nossa casa na Marlborough Avenue tinha pessoas novas todos os dias. As mulheres vinham pela tarte de maçã da Vó. Por vezes, conversavam, costuravam ou ouviam telefonia, por vezes, ficavam sentadas em silêncio, apenas pela companhia. Uma procissão de bebés cambaleava pela carpete, limpando o ranho ao sofá e fazendo chichi nas fraldas. Embora eu própria não fosse muito mais velha, observava estes animais desajeitados como se fossem de outra espécie, vendo os biscoitos secos que deixavam cair na carpete da Vó e a sua destruição descuidada das torres de blocos de madeira que eu construía para prender a atenção deles. Quando se iam embora, havia marcas de lápis de cera nas paredes.

Não conseguia perceber porque é que estas criaturas, que não eram tão bem comportadas como eu, tinham pais carinhosos. Desejei ter uma mãe e um pai, ser uma criança vulgar, não mais

ser a exceção à regra. Teria prejudicado a Mary numa altura antes de ter memória disso? Chorara demasiado, mantivera-a acordada, provocara-lhe sofrimento por nascer? Estas eram as razões que me ocorriam. Perguntei à Vó se da próxima vez que a Mary nos visitasse lhe devia pedir desculpa.

— Porquê? — respondera a Vó, zangada. Ajoelhara-se à minha frente e pegara-me nas mãos. — Não tens nada por que pedir desculpa», dissera, agora num tom suave, pondo-me o cabelo atrás da orelha. — A nossa casa é uma casa feliz. Somos felizes, não somos?

— Sim — respondera eu, e éramos.

— Então não liguês ao que as pessoas dizem.

Ocasionalmente, tínhamos visitantes homens. A Vó arrumava a casa antes. Limpava o pó por baixo dos ornamentos das pastoras em cima da lareira e tirava para fora o melhor serviço de porcelana para servir o chá, espanando as teias de aranha das chávenas. Havia lascas nas bordas das chávenas, mas a Vó dizia que o que importava era a intenção, e era importante que estes homens vissem que ela tinha intenções na cabeça, porque eram homens de Deus e podiam dar-nos coisas de que precisávamos.

Havia sobretudo três que nos visitavam, à vez. Dois eram permutáveis na minha cabeça. Eram ambos muito gordos. Tinham de se sentar em cadeiras sem braços porque os braços não conseguiam contê-los, e quando os via de costas (como acontecia muitas vezes, a espiá-los do meu esconderijo), as suas camisas esticavam-se por cima do seu corpanzil como tecido a envolver a carne no talho, e ficava maravilhada por não caírem completamente pela madeira. Por vezes, a Vó dizia-me para ir para a rua brincar, outras vezes, leva-me para dentro de casa, onde eu enfrentava os olhares porcinos dos homens e narizes grossos e cheios de veias. Davam palmadinhas no colo como se chamassem um cachorrinho. «Esta é o meu passarinho», dizia a Vó, enquanto eu ficava envergonhadamente atrás das pernas dela, nervosa por ser vista. «Não vais dizer olá, Bridget?» Mas eu nunca queria fazê-lo. Os homens pareciam encher a sala e bloquear a luz — quanto mais olhava para eles, maiores se tornavam, até

que a única coisa que conseguia ver era uma enorme sombra em frente da janela e tudo o que conseguia ouvir era o som do seu comentário gargalhado: «O gato comeu-te a língua, pequenita?» Perguntava a mim mesma se o meu pai teria sido assim, grande e volumoso com um sorriso de lado — saberia sequer, se o visse na rua? Os homens atraíam-me e repugnavam-me. Queria correr para eles e fugir deles, e não conseguia perceber porque me sentia assim. No andar de cima, encostava a orelha ao chão e ouvia a vibração das vozes deles, o seu riso baixo, o tilintar das colheres de chá nos pires como o som que a chuva fazia quando caía no barracão de zinco à noite. Mais tarde, quando se iam embora, nem sequer tinha de esperar pelo clique da porta; percebia pela maneira como a casa se elevava, recuperando a sua luminosidade, e a luz do dia voltava a entrar pelo vidro.

O terceiro homem acomodou-se mais firmemente na minha consciência. Uma ou duas vezes, acordei de um sonho e ele estivera nele. No sonho, estava a perseguir-me por um bosque amarelo. As árvores eram amarelas e a terra era amarela e o Sol entre os ramos era amarelo. Nunca o encontrei no sonho, mas sabia que ele estava lá, seguindo-me, e que era mais forte e mais rápido do que eu. Quando acordei, vi o rosto dele a sorrir para mim no escuro, um sorriso cheio de dentes, e chamei pela Vó, mas não consegui explicar o que vira ou porquê.

Este homem era mais novo do que os outros. Disse que encontrara Jesus em El Alamein, ao que eu perguntei se Jesus estava ferido, o que é que Jesus dissera, se ele O ajudara, e o homem e a Vó sorriram um para o outro afetuosamente. Ele tinha pequenos dentes afiados, muito brancos, e o lábio superior era maior do que o inferior. O fato (usava sempre um fato) devia ser demasiado pequeno porque as suas pernas compridas faziam o tecido enrodilhar-se, e entre onde as calças terminavam e os sapatos começavam estavam as meias, amarelo-vivas, verdadeiramente amarelas, como limões ao sol. Faltavam-lhe tufos de cabelo e tinha uma cicatriz na maçã do rosto que parecia sedosa ao toque, quase perolada. Normalmente, tinha um pacote de amêndoas de

Páscoa, rosa-pastel e amarelo-claras, que oferecia quando o chá era servido. Sentia-me mais contente por estar com ele do que com os gordos. «Porque é que ele tem aquele aspeto?», perguntei à Vó quando ele se foi embora.

— Porque combateu por nós — disse ela.

— Porquê? — perguntei.

— Pela nossa liberdade — respondeu. Eu disse porque queria ele fazer isso se ia acabar por ser ferido? Ela voltou a pôr o bolo de gengibre dentro da lata. — Porque era a coisa honrosa a fazer — disse. — Era isso que era preciso para ser um homem.



A Vó gostava de rezar. Rezávamos juntas antes de nos deitar, ajoelhadas no chão, com as mãos postas, os olhos fechados, depois a Vó metia-se na cama dela e eu na minha e pedia-lhe que me contasse histórias até adormecer. Disse-me que acreditava que Deus tinha um plano para todos nós, fôssemos quem fôssemos; disse-me que podia sempre encontrar coisas boas se estivesse disposta a procurá-las; e falou-me sobre o Benjamin nas minas de carvão, e sobre a mãe dela, a Joyce, que fora uma bailarina maravilhosa, aparentemente, e como às vezes, mesmo antes de a Vó adormecer, naquela altura estranha em que a nossa mente está a cabecear, mas o nosso corpo continua a aguentar, tinha a sensação de que a Joyce a estava a levar para cima e para longe nos seus braços, pela pista de dança, fazendo-a rodopiar, com as saias a esvoaçar à volta delas como moinhos de vento.



Certa noite, na semana antes de fazer 5 anos, rezei em voz alta para que a mamã voltasse. Normalmente, fazia isso em pensamentos para a Vó não ouvir, mas queria ver como a palavra «mamã» soava e como a sentia na boca. Era a mesma sensação que a das roupas dos rapazes da rua, vários tamanhos grandes de

mais. A Vó pareceu triste quando eu disse aquilo, depois pôs o braço à minha volta e puxou-me para perto dela e disse, dando-me um apertão no ombro: «O Senhor nem sempre nos dá o que queremos. Isso acontece porque Ele planeia trazer-nos outra coisa.»

Mas o Senhor deu-me mesmo o que eu queria porque, uns dias depois, a minha mãe apareceu na rua. Eu estava a jogar à bola no alpendre quando ouvi o meu nome ser chamado e olhei em volta. Havia uma mulher parada ao canto. Vestia uma saia e casaco limpos, e luvas brancas que agarravam as pernas de uma pequena carteira quadrada. Primeiro, pensei que era alguém da igreja, mas depois reconheci o encaracolado do seu cabelo, igual ao meu.

— Olá — disse ela. — Gostavas de vir comigo?

Mal me lembrava de a ver naquelas vezes em que viera antes, o vestido florido e o fio de ouro tão vagos na minha mente como se não tivessem acontecido. Abriu o trinco do portão. Fui ter com ela e dei-lhe a mão. A luva era suave. Havia um cheiro vindo dela, que fora floral e agora era pantanoso, como os caules apodrecidos dos narcisos que a Vó mantinha durante demasiado tempo à janela.

— Gostas do parque? — disse ela. Anuí. Fomos lá. Os patos no lago moviam-se serenamente. A Mary tirou uma côdea de pão da carteira e começou a desfazê-la, rodando as migalhas nas palmas das mãos abertas até formar bolinhas minúsculas que me passava. Não falámos; ela só continuou a fazer bolinhas de pão e eu continuei a atirá-las. Vieram mais patos, mergulhando os pescoços oleosos, abanando as asas, deslizando pela água. Havia um ao fundo que nunca chegava a tempo. Senti pena dele. Atirei o pão para o mais perto dele que consegui, mas nunca era suficientemente rápido para lhe chegar. Parecia satisfeito por deixar os outros continuarem com aquilo. Passado um bocado, senti-me zangada e irritada. *Vá lá, pensei, não posso ajudar-te mais, tens de te ajudar a ti mesmo.* Senti-me aliviada quando o pão acabou.

A Mary tocou-me no ombro.

— Tens fome? — disse. — É hora de almoço.

Sentámo-nos num banco. O Sol apareceu, brilhando na água. Tudo se tornou verde e azul.

— Gostas de ovos, não gostas? — disse a Mary, e deu-me uma folha de papel pardo com um ovo cozido dentro, cortado ao meio, com a gema cor de laranja orlada de cinzento. Observou-me com avidez. Como é que nunca tinha reparado nos olhos dela? Eram muito tristes e muito selvagens ao mesmo tempo. — De que mais gostas? — perguntou-me. — Gostas de animais de estimação? A Celia tem um coelho.

— Quem é a Celia?

— É a pessoa com quem vivo.

— Como se chama o coelho?

— O coelho não tem nome.

Acabei o ovo. A textura era peluda na minha língua e no interior das minhas bochechas. Ansiava por uma bebida que eliminasse o sabor, mas a carteira da Mary permaneceu fechada, estava novamente de luvas, pousadas no fecho. Tinha os joelhos firmemente juntos e havia um buraco rasgado nas meias através do qual se via a pele. Tirou-me o papel pardo, gorduroso com o calor perdido do ovo, e dobrou-o ao meio e depois voltou a dobrá-lo, vincando cuidadosamente cada dobra com a unha. Um homem passou com o cão e levantou a boina. Tudo o que se ouvia era o vincar estaladiço e forte do papel.

— Devias saber que ele entrou pela janela — disse a Mary. — A Celia diz porque abriste a janela? Mas estava calor nessa noite, portanto abri-a. A tua Vó acha que sabe tudo o que se passa em casa dela, mas não sabia isso. — Agora o papel era um pedacinho, demasiado pequeno para voltar a dobrar. A Mary esfregou-o entre os dedos. — Conseguia ver os olhos dele a brilhar no escuro — disse. — Estavam cheios com a pupila, como os de um gato. Disse-me que tinha vindo de longe. A pé, quero dizer. Viajou por uma floresta. Um urso tentou comê-lo. No fim, não lhe restou outra opção senão tornar-se bom a trepar às árvores, e foi por isso que conseguiu trepar à minha janela. Percebes agora? Ele pediu para estar comigo, e eu disse que sim.

Eu queria a Vó. Preocupava-me que o pato tivesse morrido de fome.

— Eu sabia de ti — disse a Mary, virando ligeiramente o corpo para poder espreitar para mim. — Antes de nos conhecermos. Sabia que estavas ali. Sentia que tinha um ninho de pauzinhos secos na barriga. Pensei que, se me deitasse ao sol, iria pegar fogo. Tinha uma imagem tua na minha cabeça. A dormir sob as estrelas. Tinhas olhos como os dele. Como os de um gato. Só que os teus olhos não são assim, pois não? São como os meus. — A sua expressão tornou-se novamente carinhosa. — Era só isso que te queria dizer. Olhando para ti agora, não sei se deva sentir-me desiludida.

Pegou na minha mão e depois pousou-a no meu colo, como se fosse algo que eu tivesse deixado cair e ela tivesse apanhado e mantivesse devolvido. Disse:

— Tenho de ir. A Celia está à espera.

Segui-a pela rua acima, mas a mente dela não estava em mim nesse momento. Acenou para um carro estacionado junto ao parque e por fim virou-se.

— Não vais voltar para casa? — disse.



A Vó estava zangada e aliviada quando eu voltei. Cobriu-me de beijos e deu-me uma palmada no rabo. Contei-lhe o que a Mary tinha dito.

— É a bebida —, disse a Vó, abraçando-me. — Deus sabe que ela tem demónios que cheguem sem ser preciso acrescentar esse à mistura.

Nessa noite, na cama, não consegui parar de pensar na Mary. Semeara uma semente em mim, reluzente e preocupante, um fedor a narcisos podres. Enquanto adormecia, vi uma janela aberta numa noite quente, cortinas a enfunar-se. A mão de um homem no parapeito, o seu braço retorcido, a sua cabeça, todo o homem a trepar para o interior, o céu amarelo a entrar apressadamente atrás dele.

3

Nunca tinha disparado uma arma. Descarregado uma arma, seja lá o que for que se diz. Não gostava de violência, por motivos óbvios. Não conseguia ver filmes de terror ou séries de televisão sobre hospitais e a visão de sangue fazia-me desmaiar. Não era um carrasco, era uma mãe. A pistola seria rápida.

Nem sempre senti isto. Durante anos, quis que ele sofresse. Pensei nisso todos os dias, fantasiei com isso, com a possibilidade de acontecer às minhas mãos, mas com o passar do tempo tornei-me menos interessada no sofrimento dele. Simplesmente, queria que desaparecesse. Não era suficiente que tivesse sido preso, num sítio onde pôde continuar com a atividade de viver, mostrar-se interessado, sentir-se excitado, ter fome, ser alimentado. Queria que ele fosse apagado. Não merecia existir.

A neve transformou-se em chuva. Gotas caíam em regatos do lado de fora do vidro, que estava embaciado pelo calor corporal. O autocarro estava meio cheio. Sentei-me numa coxia com a mala da Vó em segurança ao lado da janela, o meu casaco pousado em cima. O motorista tentou tirar-me a mala para a colocar no compartimento da bagagem; eu tinha tido a ideia precipitada de que ele sabia da arma: certamente que toda a gente aqui conseguia senti-la, como eu conseguia, uma pequena fogueira a arder, com o seu fumo a começar a subir do espaço de um centímetro entre o fim do fecho de correr e o início do cabedal.

De vez em quando, vinha um baque vindo de baixo quando se subia outra mala. No asfalto, um casal estava a discutir. O homem tinha uma mochila pendurada num dos ombros e ela estava a chorar, a gesticular com os braços. Um minuto depois, a mulher foi-se embora apressadamente. *Tum*, fez a mochila. O homem subiu os degraus e sentou-se no banco à frente do meu. Ouvi o seu *Walkman* fazer um clique e depois as notas abafadas de uma canção do Morrissey.

Entrámos na autoestrada. Tudo era cinzento-acastanhado. Os campos tinham degelado ou então não nevara aqui, a nossa aldeia, a única afetada. Passámos por cartazes para as grutas de calcário e outros que podiam ser comprados, com ANUNCIE AQUI! rabiscado por cima a tinta. Celeiros, casas, pontes. Vacas pastavam à distância numa formação tão organizada que podiam ser bonecos de quinta. O homem da mochila não conseguia parar de se mexer. Mudava de posição constantemente para ficar confortável, trocando a cassete do *Walkman*, fartando-se dela, abrindo um livro cujo título tentei ver pelo espaço entre os bancos, mas não consegui.

Havia um engarrafamento à entrada da M25. Ficámos ali sentados durante um bocado. Cabeças espreitaram perto da parte da frente para ver o que se estava a passar, alguém gemeu. Olhei para o relógio. Do terminal, demoraria quarenta minutos a atravessar a cidade: duas linhas de metropolitano e depois uma curta distância até à prisão. Tinha contado com mais tempo. Sentia-me descontraída. Em paz, até. Sentia que não era possível falhar. Mesmo que o nosso transporte sofresse uma avaria, mesmo que as rodas pegassem fogo, mesmo que um cometa viesse disparado contra a Terra e que as nuvens se transformassem em chamas geladas, a Providence levar-me-ia a ele e eu teria a minha oportunidade. Superstição, ter-lhe-ia chamado a Vó: desejo ilusório, na melhor das hipóteses. Não me importava com isso. Estava habituada a desejar. Não acreditava em grande coisa desde o verão em que a minha irmã morrera, mas acreditava nisso.

O engarrafamento abrandou. Avançámos. Edifícios citadinos empilhavam-se e chegámos à estação rodoviária. Toda a gente se

levantou antes de o motorista ter aberto a porta. Dei por mim entalada contra o braço do homem da mochila, com a mala da Vó encostada ao peito, a arma fumegante no interior.

— Quer ajuda com isso? — perguntou ele.

Abanei a cabeça. Agarrei a mala com mais força. Estava a piorar a situação.

— Não, obrigada — respondi. Tinha a boca seca e a voz que saiu dela não era minha. O homem lançou-me um olhar estranho e depois desceu os degraus e perdeu-se na multidão.



Passara algum tempo desde que andara no metropolitano de Londres. A última vez fora num jantar com os colegas do Tom, num hotel de luxo no West End. Comemos comida japonesa. Eu pedi caranguejo de casca mole sem ler bem a ementa e o crustáceo inteiro apareceu no meu prato, cheio de um líquido preto inidentificável. Associava o metropolitano sobretudo a idas e vindas de visita à Mary, e à mistura peculiar de tristeza, temor e alívio que essas viagens implicavam, dependendo da direção em que viajava.

Comprei um bilhete e fui para as escadas rolantes. Os passageiros passavam por mim a deslizar, branqueados e esgotados. Pensei em como devia parecer, uma senhora banal de estatura média e meia-idade num casaco castanho-claro pelos tornozelos, com a carteira ao ombro e uma mala gasta aos pés. Estava deslocada, acabada de chegar da província para passar o dia, fazendo fila desorientada nos torniquetes, parada do lado esquerdo até ser empurrada para o lado. Ouvei o comboio aproximar-se e apressei-me a descer para a plataforma. As portas selaram-se atrás de mim, a carruagem cheia, infundida com um cheiro de jornais e casacos húmidos. Um cartaz dizia NÃO PÔR OS PÉS NOS BANCOS. Fiquei parada entre os folhos dos joelhos com a mala da Vó debaixo do braço, o polegar a acariciar as pegas. Toda a gente se ignorava mutuamente, com a atenção enterrada nos jornais: livros estavam

a ser queimados em Bradford; o Reagan estava de saída. Ao meu lado, um sócia do Boy George comeu uma sanduíche enrolada em película aderente; quando a mordeu, um regato de molho esguichou do fundo. Mudei em Stockwell e juntei-me à linha Norte. Ficámos presos no túnel em Balham e tentei não pensar em quantas toneladas de terra havia entre a minha cabeça e o céu.

Embora soubesse para onde ia quase passo a passo, quando saí na Trinity Road tirei o meu mapa de *Londres de A a Z* e fui para a página assinalada. Fiz um círculo em volta do meu destino, uma viagem de autocarro e uma curta caminhada a partir daqui. Gostava que o mapa me fizesse parecer uma turista. Uma rapariga passou por mim, mais ou menos da idade que a Providence tivera, e sorriu-me tão súbita e alegremente que, por um momento alarmante, pensei que nos conhecíamos, mas quando me virei vi que estava a cumprimentar uma amiga e que, na verdade, nem sequer reparara em mim.



Wandsworth era infame. Um dos grandes «buracos infernais», como os jornais lhes chamavam, entre as grandes famílias de prisões de Dartmoor e Strangeways, Wakefield e Leeds. Comecei a pagar à Catriona passados dois anos, quando percebi que a minha agonia não ia a lado nenhum. As pessoas diziam que iria; a mágoa passaria ou, senão isso, então as suas arestas iriam embotar-se e tornar-se-ia mais fácil viver com ela. Isso não aconteceria. Enquanto minha investigadora privada, a Catriona passou-me informações sobre a sentença e o cuidado (cuidado!) dele, onde estava a cumprir pena, transferências prováveis, mau comportamento, bom, quando a sua equipa jurídica ia pedir clemência. Depois, em 1977, ele foi para uma nova prisão terapêutica no campo do Buckinghamshire que se destinava a ajudar pessoas como ele, mas aquilo pareceu-me incúria, umas férias bucólicas, interesse na recuperação e reabilitação dele era muito bonito, mas ela nunca teria recuperação e reabilitação, pois não, e onde estava

a justiça disso? Disse ao Tom que quanto mais sabia, mais em controlo me sentia. Isso era mentira. Quanto mais sabia, mais arbitrária e incómoda esta ideia de justiça se tornava, e só conspirando os meus próprios meios para atingir um fim a conseguia suportar. Se o tivessem condenado por homicídio doloso, teria sido condenado a prisão perpétua. Como aconteceu, homicídio involuntário por razões de responsabilidade diminuída. Exatamente o que era essa responsabilidade diminuída continuava a escapar-me e até à data ninguém mo explicou de uma maneira que me fizesse considerá-la como algo mais do que uma desculpa bem articulada por parte da defesa dele. No que me dizia respeito, ele merecia ficar trancado até ao fim dos seus dias, e quanto mais depressa este chegasse, melhor.

Ele escapou à pena de morte por alguns anos. Mas, nessa altura, tinha 19 anos com uma «anomalia mental» (não tinham todos os assassinos uma anomalia mental?), portanto duvidava que, de qualquer maneira, o tivessem enforcado. Em vez disso, haviam afirmado e especulado sobre os motivos dele; haviam-no tornado num objeto de exposição, haviam-lhe dado tempo e ajuda e consideração quando ela não tivera nada disso. Ele era um daqueles que tinham sido dominados pelos seus impulsos; «não conseguí controlar-se», declarara o advogado. E se era essa a diferença entre homem e animal, entre civilização e barbárie, a capacidade de dizermos a nós mesmos que não podíamos fazer o que quiséssemos porque havia consequências para essas ações, então ele era um animal.

Mas eu sabia isso. Quer ele tivesse sido enforcado quer não, eu sabia isso. Reintegrá-los na sociedade, dizia a sabedoria comum. Prisão durante um período e depois libertados, melhorados, prontos para demonstrar o que haviam aprendido, como haviam aprendido a nunca o fazer outra vez; então ainda bem para eles, bom para eles, o que é que queriam pela sua contenção, um troféu, uma manifestação de boas-vindas, quereriam um prémio? Era prémio suficiente que ainda pudessem ser úteis, que ainda pudessem dar algo positivo ao mundo. Agora ele podia fazer qualquer coisa.

Podia mudar-se para longe e mudar de nome: ninguém saberia quem ele era ou o que fizera. Podia arranjar um emprego e ter uma família e caminhar na praia com um cachorrinho de pelo suave que lhe fora oferecido por um amigo. Conheceria a sensação de um copo de água fresca num dia de calor, de ouvir os trovões de uma cama quente, de pousar o rosto no lado fresco da almofada. A Providence não teria nenhuma dessas coisas porque lhe tinham sido roubadas por ele, tão permanentemente como o banco pontapeado de debaixo do cadafalso. Olho por olho não a traria de volta, mas far-me-ia sentir melhor.

Fiquei parada em frente do portão principal com a mala da Vó entre os pés. A chuva batia-me nos sapatos. Uma ramona estacionada atrás do muro, ao lado de uma fila de carrinhas da polícia e de uma caravana de metal. Pessoas passavam apressadamente debaixo das conchas pretas de guarda-chuvas. Abri o meu e esperei. A entrada era um gradeamento de ferro, um grande quadrado de madeira por baixo de uma grade de ferro treliçado. Parecia impossível que ele fosse aparecer ali dentro de pouco tempo. Se eu o fizesse aqui, haveria compaixão por mim depois? Veriam que tivera as minhas razões? Claro que tinha as minhas razões. Mas haviam passado anos e o rancor ficava mal a uma mulher; ela devia ter ultrapassado isso, diriam; ele cumpriu a sua pena, pagou o preço, isto era a lei quer ela gostasse quer não, esta pessoa triste que não conseguia seguir em frente com a sua vida.

Eu tentei avançar. Abandonei a nossa aldeia de Devon, instalei-me noutra condado; casei, tive a Philippa, tive o Joe, pensando que se os tivesse podia ser pura de espírito como as mães deviam ser. Mas ele veio comigo; nunca abrandou o aperto. Com o tempo, treinei-me para o confrontar apenas uma vez por dia. Inicialmente, o meu médico aconselhou uma hora. Durante essa hora, sentava-me sozinha e analisava cada parte do que acontecera à minha irmã, peneirava isso entre os dedos até ser um pó fino: o que ele lhe fizera, cada momento, real e imaginado, o pânico crescente dela, a sua dor, precisamente em que ponto se dera conta de que ia morrer — chamara por mim? Quando

terminava, lavava o pó do cabelo e das mãos e tratava de coisas que tinham de ser tratadas e não voltava a pensar nele até ao dia seguinte, quando a hora recomeçava e os grumos teriam de voltar a ser moídos. Em breve, essa hora encurtou para meia hora, vinte minutos, dez, os meus pensamentos não eram menos, mas estavam comprimidos neste novo prazo, facilmente granulados, reconhecíveis agora para mim, já sem ter o poder de me golpear no baixo-ventre.

Chegava de estar amarrada a este homem. Presa com ele. Ele tinha demasiada da minha vida, e eu da dele. Não podia haver um universo em que ambos sobrevivêssemos.

Concentrei-me no portão. Temia que, se afastasse os olhos por um segundo que fosse, ele fosse aparecer e eu não o visse. Parecia-me significativo ver o instante da sua liberdade, o momento exato em que deixava de estar aprisionado e era libertado. Várias pessoas chegaram e partiram, mas nenhuma delas era ele. Um camião parou, tapando-me a vista. Inquietei-me por breves momentos, depois alguém saiu e o camião foi-se embora. O portão permaneceu fechado. Comecei a questionar se teria havido um erro, se a Catriona teria percebido mal. Imaginei chegar a casa mais tarde e ouvir as mensagens telefónicas dela. Subitamente, senti-me exausta perante a perspectiva das perguntas da Philippa sobre a Peggy fictícia. A minha família, tão preciosa, no seu globo de neve, a cem quilómetros de distância. Não era demasiado tarde para voltar para trás. Ainda podia. Talvez tudo o que precisasse fosse estar aqui, neste dia, à beira da concretização, para me aperceber de que não tinha de o fazer. Pressionei a possibilidade como uma queimadura, testando as suas arestas, o quanto doía, e doía demasiado para ser verdade.

Eram estes pensamentos que tinha na cabeça quando por fim ele apareceu. Veio do nada, surgindo do seu pano de fundo como uma boia na água. Um travo metálico atravessou-me a língua como o sabor residual de uma hemorragia nasal. De resto, nada mudou. Continuei a respirar. Continuei parada. Pessoas passaram por nós, nenhuma delas tropeçando no fio invisível que

certamente nos unia. Parecia incrível que ele não se virasse e me visse, que não sentisse a força da minha presença e das minhas intenções para com ele. Mas não o fez. Vários guardas reuniram-se à volta dele. Apertou-lhes as mãos. Alguém lhe deu uma trouxa que podia ser roupa. Outro deu-lhe uma palmadinha nas costas, como um desportista americano. Pegando na mala, ele avançou para a rua.

E assim, sem mais nem menos, o James Maguire estava livre.

A chuva era um chuvisco fino, gelado. Não parecia incomodá-lo. Vestia uma *T-shirt* branca, as mangas arregaçadas muito acima dos cotovelos, e umas calças de ganga azul-pálidas com um rasgão em cada coxa como um quarto crescente inclinado. O cabelo era grosso e penteado para trás. A sua compleição era exangue, a pele mais branca do que me lembrava, e estava mais alto, mais arredondado nos ombros, como se tivesse passado muito tempo a olhar para o chão. Mas movia-se exatamente da mesma maneira, uma postura indolente com uma inclinação desinteressada, que jogara contra ele em tribunal, entrando daquela maneira como se não tivesse uma preocupação no mundo, como se estivesse a aparecer para nada mais do que um filme no cinema, que não queria ver, particularmente. Isso e os olhos azuis duros, de pálpebras pesadas. Esperei que esses olhos pousassem em mim.

O que faria ele se me visse? Eu mudara em duas décadas, deliberadamente: novo cabelo, nova compleição, óculos de que não precisava realmente — e não me surpreenderia que, de qualquer maneira, ele me tivesse bloqueado da sua mente. Embora eu tivesse memorizado cada ruga do seu rosto, cada poro da sua pele, nem uma vez durante o julgamento ele olhara para mim e me transmitira que admitia o que tinha feito e que estava arrepen-dido. Em vez disso, sentou-se no banco dos réus a olhar em frente, os compridos dedos de uma das mãos a acariciar os nós dos dedos tresloucados da outra, respondendo sim senhora e não senhora, e não mostrando qualquer emoção quando lhe apresentaram os horrores do crime dele. O crime *dele*, de mais ninguém. Por mais que ele tentasse culpar outro homem, fora ele que fizera aquela

coisa monstruosa, e não tinha a coragem, a *cortesias*, de admitir a sua ofensa e de a proclamar. O júri decretou que ele não tinha remorsos. Isso, pelo menos, era certo. A defesa dele dissera que isso era parte daquilo, que ele não compreendia o que fizera. Não acreditei nisso. Pensei que ele compreendia perfeitamente, que sempre compreendeu, e isso não fazia diferença.

Fechei o guarda-chuva. Névoa fria aterrou no meu cabelo. Vi o Maguire vestir um blusão, um material verde gorduroso com um logótipo que não consegui descortinar no peito. Acendeu um cigarro, pondo as mãos em concha em volta do isqueiro, de sobrolho franzido. Quando o acendeu, deu uma grande baforada, soprou o fumo num jato fino e alto e depois levantou o rosto para o céu e fechou os olhos, com o cigarro a arder ao lado. Perturbou-me que retirasse prazer deste cigarro. Ocorreu-me que iria retirar prazer de muitas coisas. *Deixá-lo fumar o seu cigarro*, pensei, observando o seu pescoço levantado com a maçã-de-adão onde eu poderia ter pendurada uma camisa. Deixá-lo retirar o que pudesse das horas que lhe restavam.

Ficou assim durante um minuto, depois abriu os olhos e virou-se, caminhando rua abaixo. Apressei-me para o acompanhar. Uma bolha roçava-me o calcanhar. Ele avançava mais depressa do que eu previra, o blusão a esvoaçar à minha frente. Imaginara que os anos passados na prisão o podiam ter abrandado um pouco, aqueles dias rastejantes, vazios, sóis a levantar-se e sóis a pôr-se através de uma abertura do tamanho de um tijolo, cruzada por grades. Era isso ou sentir-se-ia indigno, agora que estava cá fora, de acompanhar o ritmo das pessoas comuns, contado entre elas como se fosse uma delas, um homem a caminho do emprego ou de um compromisso. Ele não era esse homem. Ou seria? Para minha surpresa, parou à porta de uma loja da Menzies e começou a falar com uma mulher que lá estava. Ela era jovem, não tinha mais de 18 anos. Vestia uma camisa de lenhador aos quadrados vermelhos e pretos. Uma trança escura caía-lhe pelas costas. Pensei que devia estar a vender um jornal de sem-abrigo, mas depois tirou a trouxa de roupa das mãos dele e seguiu-se uma breve

discussão em que parecia que ele não queria que ela pegasse naquilo, antes de começarem a caminhar juntos na direção dos autocarros. Caminhavam um pouco afastados, com ela à frente. Perguntei a mim mesma se ela seria uma daquelas mulheres que escreviam para assassinos na prisão: *Havia qualquer coisa nele, ele só queria uma amiga. Deus disse-me que o apoiasse.* Mas a maneira como se comportavam um com o outro não era a certa para isso. Ela estava sempre a virar-se, nervosa, ansiosa por agradar. Ele parecia querer livrar-se dela.

Esperámos por um autocarro. Certifiquei-me de que havia corpos a separar-nos, mas que ainda estava suficientemente perto para ver as manchas de chuva no blusão dele e uma borbulha no maxilar.

O autocarro chegou, fazendo esguichar água. Um homem com uma pasta grená meteu-se à minha frente. Vi-os avançar no interior, por trás das janelas embaciadas. Tinha as mãos a tremer quando peguei no dinheiro e paguei ao motorista. Fui avançando pelo corredor, virando o rosto, mas eles estavam os dois a olhar para o passeio. A rapariga estava a roer as unhas.

Sentei-me atrás deles. Ele estava suficientemente perto para lhe tocar. Quase lhe toquei, pousando o pulso no corrimão da frente, o ombro dele a três centímetros de distância. Em vez disso, segurei a mala da Vó perto de mim. Onde íamos? Confiava que a Providence estava ao meu lado e que viria lá comigo e me mostraria. E que quando chegasse a minha hora e a do James Maguire, seríamos nós, apenas eu e ele, como sempre fora suposto ser — não esta rapariga, não mais ninguém, apenas nós — e então ele reconhecer-me-ia. Ver-me-ia e saberia quem eu era.

Mesmo antes de eu fazer aquilo, ele saberia.

A semana em que disparei em cheio contra a cabeça de um homem começou como qualquer outra...

Em janeiro de 1989, Birdie acorda com a notícia pela qual espera há dezoito anos: Jimmy Maguire, o homem que matou a sua irmã, saiu da prisão. É nesse momento que, deixando a família, parte para Londres com uma pistola e um plano: encontrar este homem e fazê-lo pagar. Mas todas as histórias têm outro lado, e Birdie dá por si a entrar num mundo de mentiras de família, lealdades frágeis e traições há muito enterradas.

Terá Jimmy realmente matado a irmã de Birdie ou será ele a única pessoa em quem ela pode confiar? E quando a verdade acabar por vir ao de cima, o caminho será o do perdão ou o da vingança?

Simultaneamente introspetivo e enérgico, *O Homem-Sol* é um thriller inesquecível sobre perda e vingança, e sobre o rumo de vidas destroçadas após um crime terrível.

«Um thriller ambicioso que faz o leitor embarcar numa viagem de vingança entre Londres e Devon [...]. Uma crónica delicada e atenta do modo como as boas intenções, os mal-entendidos da infância, comentários feitos sem empatia e decisões impetuosas podem ser a receita para o desastre.»

The Guardian

Da mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-929-2



9 789895 839292